ANO 25.º QUINTA-FEIRA, 3 DE JANEIRO DE 1946 N.º 8299

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA* RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

Ambiente vital

Razão têm aqueles que afirmam ser a França mais de que um país, mais de que uma pátria, mas um verdadeiro «ambiente vital». Aindi há poucos dias, ouvindo a bela e elucidativa palestra de Roberto Nobre sobre a invenção do cinema por Luiz Lumière, assim o pensei, assim tive de pensar mais uma vez. E' que a proposito dessa prestigiosa criação do génio de Lumière, o conferencista, falando da França e da cultura e da civilização francesas, trouxe á deslumbrada visão do nosso espirito tais e tantas imagens de grandeza, de energia e de beleza, de inteligencia realizadora e de capacidade construtiva, que nos sentimos hoje em plena atmosfera de renovada esperança e fé— hoje que essa esperança e fé como que se enullam, oscilam e hesitam, inquietamente—no futuro da Europa e do mundo. Melhor direi, porque é isso que importa, no futuro, paz da humanidade.

Escritores, artistas e cientistas de todas as regiões do globo têm respirado, nela buscando e encontrando estimulos mentais e emocionais de singular eficiencia, esse ambiente, essa atmosfera, ao mesmo tempo incitadora e phomissora. Incitadora de trabalho e de coragem, promissora de constantes ascensões no dominio das ideias, dos ideais e da arte. Bastam certos livros, certas páginas, certos quadros, certos poemas, certas esculturas, ou, até, certos conceitos isolados que de lá nos venham para compreender—lendo-os, contemplando-os ou interpretando-os—quanto nos é necessário o ar da França, o «ambiente vital» da França. E—caso digno de atenção e registo — não há derrotas, não há calimidades não há transitórias fraquezas que diminuam o desejo e, tambem, o valor dessa presença. Mal terminou a guerra, não tardaram entre os mais distantes e diversos povos da Terra—os apêlos á desejada ressurreição da França, «Sol da alegria do Mundo», na expressão evocativa de Charles Morgan, refugio e reconforto de almas e de consciencias, perene e hospitaleiro lar das mais altas aspirações do homem. Quer seja a França de Joana de Arc, quer seja a França da «Marselhesa», tudo da França nos chega, tocado de não sei que limpida luz, de não sei que puro halito de soberana altitude...

A hora não é da França, observa-me de lado um senhor mal disposto. De facto. A hora de hoje é, ou deve ser. de universal entendimento, de universal fraternidade. Mas será, precisamente, para reforçar a acção dessa fraternidade indispensavel que a França, que o «ambiente vital» da Franca exercerá por completo a sua missão decisiva de tonico e de incentivo.

JOÃO DE BARROS

A comissão dos Três Grandes prepara o reconhecimento do governo romeno

BUCARESTE, 3.—Os três membros da comissão tri-partida, estabelecida em Moscovo para aplanar caminho ao reconhecimento do governo romeno—sir Archibald Clark-Kerr, Averell Harriman e Andrei Vyshinsky—reuniram-se ontem á noite com Peter Groza, primeiro ministro romeno, e os membros desse governo.

Ontem, sir Archibald e Harriman encontraram-se com os dois chefes da oposição, Julio Maniu, chefe do Partido Agrário Nacional, e Constantin Bratianu, chefe do Partido Liberal Nacional. Depois, os três membros da comissão almoçaram com o rei Miguel.

Entretanto, fazem-se muitas conjecturas sobre quem serão os dois nomeados dos partidos da oposição para entrar no governo e crê-se geralmente que Ion Michalache, de 63 anos, vice-presidente do Partido Agrário Nacional, e Bratianu, de 57 anos, secretário do Partido Liberal Nacional, são os candidatos que reunem mais probabilidades.

Todavia, sabe-se que os membros da oposição, antes de partilharem as responsabilidades do governo, quereriam obter garantias das liberdades mencionadas no comunicado de Moscovo. Essas garantias, dizem, incluiriam a transferência do Ministério do Interior, agora ocupado pelo comunista Teohari Georgescu, para outra personalidade, possivelmente para um social-democrata. Todavia, não se sabe se os membros da comissão tri-partida acharão que isso faz parte das suas funções, especialmente porque eles trabalham o mais ràpidamente possivel para encontrar uma solução ao caso romeno.

Ian Lerougetel, representante politico britânico, regressou a Bucareste, vindo de Londres.—(Reuter).

O general Eduardo Gomes vai frequentar uma escola militar nos Estados Unidos

RIO DE JANEIRO, 3—O major-general Eduardo Gomes, candidato presidencial derrotado, partiu de avião para os Estados Unidos, onde vai cursar uma escola militar do Estado Maior.—(U. P.).

As inundações na Palestina

GAZA, 3—Milhares de habitantes da região de Gaza, a sudoeste de Jerusalem, estão ainda sem lar, depois das recentes inundações. Muitas casas estão ainda meio submeraas.

O govêrno da Palestina enviou urgentemente os abastecimentos necessários de farinha, arroz e açucar. Chegam igualmente contribuições de outras partes do país.—(Reuter).

O Diário de Lisboa *adquiriu o exclusivo da reprodução, em Portugal, da serie de trabalhos intitulada «Caderno de desenhos de Low em Nuremberg», da autoria do famoso caricaturista inglês Low, célebre em todo o mundo. O n.º 1, do Caderno de Low, que publicamos hoje, dá-nos uma serie de atitudes de Goering e uma atitude de Hess, colhidas durante uma das audiências de Nuremberg*

O julgamento de Nuremberg

NUREMBERG, 3.—Testemunhou esta manhã no Tribunal de Nuremberg, o alemão Otto Ohlendorf, um homem baixo e corvado, que explicou em pormenor a organização da «Gestapo» e da «S. D.». (Policia de Segurança), na qual ele próprio era uma figura predominante. Ohlendorf, que tem 38 anos de idade, era maior-general da policia, chefe de segurança no quartel general de Himmler e chefe da organização «S.D.», no interior da Alemanha, servindo sob as ordens de Ernest Kaltenbrunner. Parecia um pouco nervoso por estar a ser ouvido e observado, especialmente por Goering, que nunca o perdeu de vista.—(R.).

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Vai ser julgado novamente o caso da apreensão de platina que se deu há três anos

Deve haver ainda quem se lembre: em Julho de 1942 foram apreendidos, em circunstancias que depois se verificou serem confussa, 305 gramas de platina laminada no valor de 60 contos, sendo responsável pela multa o sr. António Quininho dos Santos, gerente da firma Almeida, Basto & Piombino, da rua do Ouro. Não foi àquele senhor, como constava do primeiro auto, mas sim a um seu empregado, que a mercadoria foi apreendida, não no estabelecimento da rua do Ouro, onde a platina já tinha estado exposta para venda, mas numa ourivesaria da rua da Prata. O arguido, expondo vários factos merecedores de atenção, por sus suspeitos, alegando que não houve contrabando nem declaração suficiente e legal que o provasse, requereu ao director geral das alfandegas a sua intervenção para uma revisão do processo, que subiu ao Supremo Tribunal Administrativo, que em Fevereiro de 1944 negou (por dois votos contra um) a revisão pedida, isto é: a apreensão foi feita legalmente e o pagamento feito da multa foi também legal.

António Quininho dos Santos recorreu para o Tribunal Pleno, voltando a repetir as suas alegações, de tal modo graves, na aparência pelo menos, que o Pleno, considerando que «as decisões sobre matéria de facto têm de ser acatadas e mantidas pelo tribunal de revista», mas etnendendo que aquele tribunal «pode pronunciar-se sobre se determinado facto é ou não indispensável para uma justa decisão da causa»—apreciou todas as alegações e factos constantes do processo, entre elas as de violência e estratagemas atribuidas ao capitão apreensor, sr. José Maria Emauz de Leite Ribeiro. E concluiu, ao cabo de três anos da apreensão, por considerar que vários factos pprecisam de ser esclarecidos e, assim, revogou o acordão da 4.ª secção do Supremo, concedendo provimento ao recurso, para em novo julgamento da 1.ª instancia se averiguarem os pontos de facto que são necessários para boa decisão da causa. Isto é, a questão continua.

Quanto à platina... foi logo vendida no dia seguinte à apreensão.

A Rússia acusa a Turquia de preparativos bélicos

LONDRES, 3.—Rádio Moscovo, na sua emissão de esta manhã, prosseguiu nos seus ataques á Turquia, afirmando que este país, continuando com os seus preparativos bélicos, está a contribuir para que não seja estabelecida em bases sólidas e firmes a paz em todo o Mundo, como é de desejo das três grandes potências. Acrescenta que não poderá haver uma paz duradoura, desde que não sejam antes resolvidos determinados assuntos e certas reivindicações territoriais justas, como as que foram apresentadas por Moscovo e que envolvem parcelas do território turco.—(U. P.).

Os jornais turcos afirmam o proposito de resistencia a todo o custo

ANKARA, 3.—Os jornais turcos, voltando a responder aos ataques da Imprensa sovietica e da Radio Moscovo, sobre as reivindicações territoriais da Republica Sovietica da Georgia declaram em tom resoluto que é tempo perdido para os russos estarem com ameaças, pois o povo da Turquia mantem-se firme e unido em volta de um govêrno e está disposto a fazer os maiores sacrificios para defender cada palmo do seu territorio que qualquer outra nação tente arrancar-lhe.

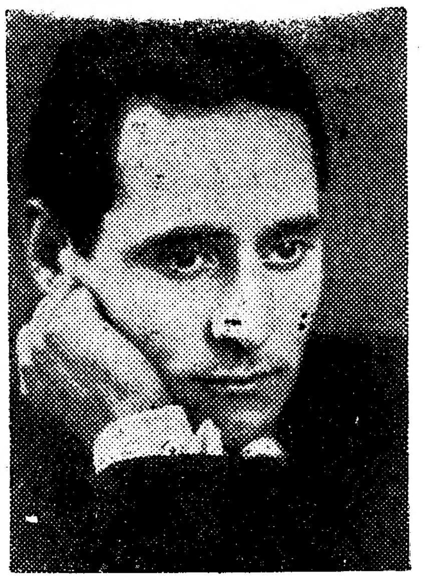
Acrescentam que a Turquia, conscia dos seus deveres e obrigações, prefere perecer a consentir na mutilação da menor parcela do seu territorio.—(U. P.).

A inquietação turca comentada em Londres

MANCHESTER, 3.—O correspondente em Iztambul do «Manchester Guardian» diz que a Turquia não se mostra optimista quanto aos resultados da Conferencia de Moscovo e a Imprensa turca—embora manifestando a esperança de melhores perspectivas em 1946—de uma maneira geral parece preocupada. O correspondente escreve: «O facto de se não ter chegado a qualquer acordo sobre o problema da Persia é particularmente inquietador para a Turquia,

(Continua na 8.ª pag.)

VIDA literária



A 2.ª edição de «A Religião do Teatro»

de Ed. Scarlatti

Eduardo Scarlatti é uma personalidade na vida portuguesa: homem de acção, os problemas do espirito são-lhe da mais próxima intimidade. E é da conjunção destas duas qualidades que se ergue, em toda a sua inteireza, a figura deste pensador e artista. Dos seus estudos, porém, ressalta, em evidência, o apaixonado interêsse de Eduardo Scarlatti pelos problemas de teatro—na sua essência, na sua razão de ser, na sua filosofia e na sua técnica. Há dezoito anos, apareceu de Eduardo Scarlatti um volume que logo se aforou como sensacional: «A Religião do Teatro», ensaio sobre a determinação das leis estéticas do teatro novo. Era um volume de ideias novas, que teriam sido recebidas com alvoroço em qualquer grande meio intelectual e que, mesmo entre nós, se mostrou que continham em si proprias um potencial de deslumbramento que chegou para sacudir a nossa habitual e ceptica indiferença: o livro esgotou-se rápidamente. Agora, 18 anos depois, ressurge: «E' o meu filho querido», diz-nos Scarlatti.

A obra vem, no entanto, enriquecida, numa edição de grande porte, repleta de documentação valiosissima, em surpreendentes reproduções. E, além de uma boa duzia de anotações novas, em que o autor nos transmite algumas das suas mais recentes concepções sobre os problemas do teatro, integrados na filosofia geral das artes, há mais um prefacio especial para esta edição. «Este livro é, pois, acima de tudo, uma paixão de poeta»—escrevia Scarlatti no prefacio da edição de 1928. «Uma paixão de poeta»... E é esse o motivo que se retoma no prefácio da nova edição, onde o escritor ordena uma interessante serie de ideias, que bem ajudam a compreender o sistema geral da obra. Não é um compendio sobre Teatros, mas um estudo em que avultam alguns pormenores que bem se vê serem os que Eduardo Scarlatti considera fundamentais na estrutura do seu raciocinio.

Fiel

A balança mais estranha
Onde a vida está á prova
Constantemente, sem fim,
Não é velha nem é nova.

Tem dois pratos invisiveis.
Tudo lá podemos pôr.
O aferidor é — a Morte.
O seu fiel é — a Dor.

Um jôgo assim de balança
Compreendê-lo quem há-de?
— Se de um lado o tempo desce,
Do outro sobe a saudade...

DINIZ DA LUZ

O PRETO NO BRANCO

SOBRE TEATRO

Dantes, as aspirações literárias dos escritores inéditos convergiam todas para o Teatro. Quem se sentisse com a centelha do génio criador, escrevia uma peça e havia exagerados que escreviam meia duzia—que ficavam todas inéditas. Agora as coisas mudaram. Quem não tem que fazer faz romances, alguns fazem muitos romances e quási todos se publicam. Na verdade um editor pode arriscar com mais facilidade uma duzia de contos numa edição do que um empresário cinquenta ou sessenta numa «montagem». Daí uma proliferação trasbordante de Camilos e Flaubertzinhos, de Eças e Zolas pequenos, todos mais ou menos gloriosos. Assentou-se e repetiu-se em todos os tons, com rópia e chibança critica, que o nosso Teatro era inferior e isso também contribuiu para que se calassem os dramaturgos e os dramamiferos. O génio nacional encontrou a sua compensação no romance e no ensaio, e aí sim, fácil é reconhecer que em matéria de criação literária o país não só está de esperanças, como já possue consoladoras certezas.

Depois há ainda uma outra razão que é a seguinte: para compôr um livro nada importa que os compositores e impressores sejam velhos. De resto, os quadros renovam-se com simplicidade. O mesmo se não dá com os actores. Esses, são os mesmos de há trinta anos e não aparecem outros, porque o Conservatório não produz o numero suficiente de diplomados para as necessidades da cena nacional. Assim pode dizer-se que o Teatro acabou-se, especialmente o teatro literário e declamado. Quanto ao musicado, pensa-se em pôr um gramofone eléctrico, escondido no urdimento, para cantar as partituras, emquanto os actores, em cena, abrem apenas as bocas, a fingir que são eles que cantam. E há outro aspecto: é que, se para publicar livros, mais ou menos sempre se arranja papel, para representar peças são necessários Teatros que não há. Comtudo isto, e apesar do Cinema—o publico gosta do Teatro e vai lá, generosamente. Não admira o facto, se pensarmos que ainda vive a geração, que viu representar por esplendidos actores um repertório nacional e estrangeiro que entendia e de que gostava. Hoje as empresas, no desejo de levantar o nivel das plateias, fornecem-lhes peças estrangeiras absolutamente geniais—e inteiramente massadoras.

Não digo massadoras pela falta de altura intelectual e preparação do nosso publico. Não. O nosso publico é «vivaço», é esperto, compreende o que é compreensivel, gosta do que é «gostável» e, o «snobismo» ajudando tem uma grande margem de tolerancia para aceitar sensaborias e «chatezas» de merecimento mais que discutivel nos próprios países de origem, qualquer que seja o nome que as subscreva. O nosso publico em matéria de Teatro é ainda das melhores coisas com que o teatro conta. Quanto ao resto, não me alongo em considerações, que poderiam revistir um caracter polémico e estas coisas não vão com reparos azedos.

Penso, porém, que ainda se poderia fazer alguma coisa de util. O Estado interessou-se pelos desportes e, mais ou menos, tomou a direcção da matéria desportiva e gastou muitos contos num Estádio.

*E' certo que, nesse aspecto da nossa actividade nacional nós temos coisas grandes. Bastará citar o Benfica e o Sporting. Mas no Teatro tivemos o Almeida Garrett—para não citar o Gil Vicente que é muito antigo. E o Marcelino, o D. João da Camara, o Lopes de Mendonça—para não falar nos actuais que—*nanja eu*—alguns não faziam má figura em qualquer parte. E quanto a actores há ainda um pequeno nucleo de artistas, que o são de verdade e que ainda têm diante de si alguns anos para*

RAMADA CURTO

(Continua na 7.ª pag.)

«A Pedra Magica e a Princezinha doente»

de Adolfo Simões Muller

Com uma pontualidade impressionante, Adolfo Simões Muller oferece todos os Natais ás crianças portuguesas um livro delicioso. Tem o escritor o condão magnifico de saber falar á alma infantil. Ora lhe conta maravilhosas historias, de rutilante fantasia, onde ha tesouros de ternura, ora, em liricas de adoravel candura, exalta a terra portuguesa e a vida da sua grei, ensinando a sorrire ocultando entre rimas e flores os mais esclarecidos conceitos.

Desta vez, Adolfo Simões Muller, sob o titulo «A Pedra Magica e a Princezinha doente», conta aos leitores pequeninos, a historia maravilhosa de «Madame» Curie, a quem se deve a descoberta do rádio. E' uma autentica existência de romance, tão nobre como dolorosa, e cuja abnegação cientifica atinge as raias do sacrificio heroico. Há muito que aprender com ela. Adolfo Simões Muller, ou não fôsse um poeta, mesmo quando escreve em prosa, faz uma narrativa admiravel, com todos os sortilegios de um estilo radiante e de efusiva comunicabilidade. «A Pedra Mágica e a Princezinha doente» inicia a colecção «Gente grande para gente pequena», que o autor está dirigindo numa livraria portuense.

OS NOSSOS CONTOS

Noite Santa

Meia-noite. Sim, devia ser meia-noite. Não que os seus olhos distinguissem no mostrador da tôrre os dois ponteiros sobrepostos, não que os seus ouvidos se apercebessem bem do som das badaladas. Mas devia ser meia-noite. Ia iniciar-se um novo dia. Dia de Natal! Aquela hora mil e tantos anos antes nascera numa terra distante um homem que prégara o Bem e o Amor... Nascera?!... Sim, dizia-se... Talvez... E aquela noite ficara sendo a noite do Bem e do Amor, da familia e de Deus. A'quela hora, em tôdas as casas, ricas e pobres comia-se a consoada, aconchegados ao lume da lareira e á fogueira do são amor familiar. E êle?... Ele andava para ali, aos tombos, cambaleando, mal lhe chegando a rua larga para andar. A cabeça pesava-lhe e os membros não lhe obedeciam. Embriagara-se. Ele sabia que se embriagara. Ainda o sabia. A sua consoada fôra vinho, a sua ceia azeitonas e a sua familia êle próprio. O seu mundo êle ainda. Ele a sua casa, a sua lareira...

Familia!... Bem!... Amor!... Palavras desconhecidas para êle. Familia se a tivera não fôra para o criar e lhe servir de amparo. Familia se a tivera fôra para fazer de si escravo e servo. Ligado ás suas resordações mais antigas havia sempre o servilismo que caracterizava tôda a sua vida. Em pequeno, três anos, dois anos, talvez, quem sabe se de gatas, já o trabalho era sua lei. Guardar perus, vara na mão, cambaleando como agora nas pernas cambas

(Continua na 7.ª pag.)

1 Foram agora editadas as «Cartas» do padre Antonio Vieira. A vida do egregio orador tão intensa, como atribulada, reflecte-se neste epistolario, que é prefaciado pelo dr. Mario Gonçalves Viana.

2 Saiu há dias a lume a 5.ª edição de «D. Sebastião», do sr. dr. Queiroz Vezloso. Trata-se de uma fundamental obra para a interpretação moral e historica da figura.

A ETNOGRAFIA PORTUGUESA DO NATAL

«O livro do Menino Jesus»

de *Aquilino Ribeiro*

Já era tempo! Nasceu agora, na obra de mestre Aquilino Ribeiro, uma estrela luminosa de beleza. Um Menino Jesus literário, dócemente português, no seu rude presépio de lapas serranas, entre pastores e cavadores, ferreiros e sapateiros, aqueles de samarra e bordão, estes de chapeu braguês, ainda limpando com o destra o suor da jornada, outros, com o avental de coiro, do oficio, batendo na bigorna, na brasa viva da lingoa, o mais enternecido e suave dos afectos lusiadas pelo bambino redentor.

Aquilino Ribeiro deu-nos neste «Livro do Menino Jesus» a sua criação mais sentidamente, portuguesa. Não é, propriamente, um livro, mas um daqueles retabulos quinhentistas com o povinho miudo das aldeias em loas e danças, queimando um velho lenho de carvalho no adro da igreja, ou ouvindo de serra em serra, na noite santa prateada de neve, as concas dos zagais, chamando as freguesias distantes para a divina e gloriosa natividade.

Aquilino Ribeiro fez o seu livro com originalidade. Dá-nos, apenas, de Jesus, o seu nascimento, e depois a sua infancia, em tintas de extraordinaria claridade. Põe-lhe na cabeça o halo sagrado e nas mãos inocentes a esfera do mundo. Dois simbolos e é quanto basta para tamanha grandeza.

Insensivelmente, o prosador traz nos depois para Portugal, e aqui, sim, como se excede em grandeza plastica no descritivo das festas que encantam a quadra maravilhosa. Ilumina as aldeias da serra; bate a todos os postigos; faz falar dezenas de figuras, que têm ainda a mesma alacridade verbal dos herois vicentinos, e um presépio vivo de almas, de costumes, de caracteres, animado, palpitante, folclorico e etnógráfico surge ante nossos olhos numa visão inesquecivel de beleza e de emoção literárias. O «Livro do Menino Jesus», que o escritor dedica, na portada, a sua mãe, é, afinal, um florilegio cristão. Valem oiro as suas páginas—oiro da lingoa e oiro de expressão nacional. Mesmo quando o raciocinio substitue a crença não falece a fé. Fica a obra de Arte.

A edição do «Livro do Menino Jesus» é de um invulgar primôr artistico. Numerosas estampas, muitas delas coloridas, reproduzindo quadros celebres, acompanham o texto.

3 «Sub-Solo», de Amandio Cesar, um escritor realista que, em novelas incisivas nos dá o drama pungente dos pobres e dos trabalhadores.

4 Zola continua a ser o grande mestre do romance realista. A sua leitura é viva de actualidade. Foi agora reeditado pela Livraria Guimarães o «Pot Bouille», «Roupa Suja», em versão de Pandemonio.

ROMANCE, POESIA E ENSAIO

CRÍTICA LITERÁRIA

IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS

por João Pedro Andrade

RIO TURVO e outros contos, por BRANQUINHO DA FONSECA
LAGARTEIROS, por ANASTÁCIO LALANDA

Ao descrever uma das personagens do estranho conto *Rio Turvo*, que abre o seu ultimo livro (Editorial Inquérito), Branquinho da Fonseca diz: «Era um poeta, mas sentia a necessidade que há em terem nítidas as linhas do seu mundo aqueles que o não são». Talvez sem o querer, o autor definiu-se nesta frase. De facto há neste escritor, fundamentalmente poeta, uma necessidade de tornar nitidos e precisos os caminhos do seu sonho, que o aparenta aos vulgares escritores de ficção. Essa necessidade levou-o a proceder com os nebulosos simbolos e imagens do seu mundo interior com o mesmo desembaraço com que os demais escritores, ou mesmo aqueles que não são escritores, expõem as relações concretas do mundo de toda a gente. Buscando a prosa como o meio de expressão mais directo, não incorrerá num equivoco este escritor, iniludivelmente poeta?

Quando o autor de *Rio Turvo* fixou como nome literário *definitivo* o pseudónimo de António Madeira, publicou um livro de contos, *Caminhos Magnéticos*, onde os motivos poeticos se diluiram amiude num tom de familiaridade descritiva. Era uma tentativa notável pelo que representava de esfôrço contra a natural tendência do poeta, que o levava a vagabundear em torno do próprio eu. Por isso notava-se, aqui e além, qualquer coisa de desajustado, de falho de espontaneidade nessa colectanea de contos, que interessou os intelectuais e afastou o publico.

Esta convicção, de que o que em Branquinho da Fonseca existe de mais natural e francamente poético é o que melhor revela a sua personalidade, é reforçada de certo modo por este novo livro. Branquinho da Fonseca persiste em escrever em prosa, e a poesia continua a traí-lo, denunciando-se em cada motivo, e ás vezes em cada página.

O primeiro conto começa como um poema: «A voz vinha de longe». Não se sabe de quem é a voz, nem se chega a saber até ao fim do conto, nem ela tinha existência real. Num dos seus ultimos poemas conhecidos, o poeta (en[illegible] ainda António Madeira) já o tinha dito:

> Chamaram-me e não sei que voz
> era aquela que lá ao longe ouvia...

Mas aí, por estranho que pareça, o poeta era mais inteligivel do que êste contista de agora. O vago e a imprecisão do canto estavam no seu terreno natural: a poesia.

> O resto ainda não sei

dizia o poeta. O prosador dá-nos *o resto* e a gente fica sem saber. A intenção idealista do poema não se deduz do conto, que termina confuso e vago como começou. Emquanto o poeta se vangloria de *não dar por inutil o caminho*, o ficcionista não nos convence grandemente da utilidade dos caminhos do seu herói.

Regressando ao seu nome verdadeiro (definitivamente desta vez?) Branquinho da Fonseca mostra-se mais decididamente poeta do que o contisa dos *Caminhos Magnéticos*. Mas o equívoco persiste. Há em todos os contos de *Rio Turvo* uma cortina que separa o autor da realidade. E a realidade é o leitor, e maiormente o leitor de prosa, de conto ou de romance, que só admite o fantástico em personagens e ambientes irreais. Ora as personagens e ambientes de *Rio Turvo e outros contos* pretendem ser reais. Por vezes supomos estar a assistir á narração dum sonho, com laivos de pesadêlo. No primeiro conto, a sensação é nítida—cá está a nitidez das coisas imprecisas. A cada momento esperamos que o autor nos diga que o herói acordou e se viu no seu quarto assim ou assado. Branquinho da Fonseca nunca lança mão dêsse recurso. Quando põe em cena um sonambulo, o leitor sabe já que se trata dum sonambulo que tarde ou cedo vai acordar. E quando êle acorda, é que o sonho começa. A realidade nestes contos é já um sonho.

O herói de *Rio Turvo* segue a voz que o chama em sentido contrário ao que lhe haviam indicado. E aí oferece-se-lhe uma realidade muito parecida com a outra, a verdadeira: um local de trabalho, com homens, e êstes com as suas manias e as suas rivalidades. A voz não se ouve mais e a gente não sabe o que o herói ia fazer, nem porque em vez de paragens transcendentes encontrou um local de trabalho. Quando, com êle, ouvimos *um barulho que dir-se-ia serem passos de uma cabra no sobrado,* julgamos ir encontrar no sonho a explicação do que de estranho vai acontecendo. Mas trata-se dum bode, um bode que não é o diabo, mas um bode mesmo, apesar de se chamar Sócrates e de comer papel. O conto segue até ao fim com incidências de sonho sôbre a realidade. O herói bem quere explicar com tiradas filosóficas o que vê e o que sente. Uma névoa envolve tudo—a tal cortina que separa o autor da realidade—e condena as figuras a uma vida objectiva precária, mesmo quando querem tornar-se sociáveis e nos são apresentadas como gente que convive e trabalha. O episódio de Leonor começa a decorrer á margem das preocupações do protagonista e vem pouco a pouco ocupar o centro do conto, sem lançar mais luz sôbre êle.

Em *Jack*, o poeta de *Mar coalhado* desce a estudar a complexidade do homem da rua. A descrição é empolgante. As palavras vão dando paralelamente a actividade ruidosa do cais e os fundos tenebrosos do homem resolvido a matar, contrapontados pela loquela do amigo. Era, porém, demasiado simples acabar com o crime, a prisão ou a fuga. O autor não se contenta com a linearidade de processos de quem descreve um sentimento por ordem directa. Quando o quadro descrito se está tornando demasiado nitido, êle só consegue transmitir-se artisticamente por meio duma curva ou dum obscurecimento subito. Aqui, o homem que quere matar mata-se a si próprio, de repente, como remate da perseguição obstinada que movia ao rival. E o conto acaba, imprevistamente, com o perseguido tornado perseguidor, correndo após o homem que leva aos ombros o corpo pesado do assassino imaginário.

E' possivel que a densidade dos simbolos não me deixe descortinar em contos de construção semelhante mais do que sensações arbitrárias. Menos arbitrário, embora ainda dominado pela imperssão funda dum sonho, é *O Barão*, publicado já como novela. *O Barão* é das realizações mais equilibradas deste espirito oscilante entre a lucidez e o delirio. A impressão desse quilibrio colhe-se precisamente pela proporção em que intervém na narrativa a visão directa e simples dos sucessos e a exaltação que somos obrigados a atribuir á inventiva do autor. Tude se podia ter passado assim, a admitirmos—e porque não admitir?—a figura poética e brutal do *barão*, espécie de senhor feudal perdido no tempo, e de enamorado romantico infantil e devasso, partilhando as amantes do pai e sujeitando-se a tiros para colocar uma rosa no peitoril da bem-amada. E' bem possivel que Branquinho da Fonseca tenha colhido da realidade esta figura do *barão* e este ambiente do solar. Qualquer impressão que dificilmente perduraria num espirito vulgar ou pouco artistico, quando fecundada por uma imaginação poderosa, pode dar lugar a realizações brilhantes. Mas nem tudo ali aparece como manifestações naturais dum mundo estranho. O episódio do incendio, por exemplo, surge mais por influência de romances de ambiente semelhante do que por necessidade. E naquela criada sente-se qualquer coisa de fabricado. A mulher que diz ao narrador que vá *curtir a grossura* não é a mesma amante desdenhosa que recebe beijos e insultos com a mesma impassibilidade. Produto da vida ou da imaginação do escritor, *O Barão* é, no entanto, uma criação excepcional, que vale como um quadro, um belo quadro de côres sombrias e fortes, mas que, pela sua própria deslocação no tempo, pouco pode significar socialmente.

Branquinho da Fonseca reuniu neste livro apenas seis contos, que ele não quis decerto que testemunhassem outras tantas tendências ou aptidões do seu espirito. Por muito que divirjam os seus ambientes ou as suas personagens, a aproximação entre eles é demasiado visivel para que deixemos de considerar, em todos eles, uma personalidade que se afirma. Através das suas predilecções pelo pitoresco, o desconcertante, o desusado ou o popular, é um poeta e um romantico que se nos depara. O romantico, um pouco retrógrado e um pouco despaizado, evoca ambientes de mistério, paragens brumosas, castelos sombrios. O conto *O Involuntario* é a visão incoerente e livida dum sonambulo, em que se ressuscita o ambiente de *O Barão* sem o mesmo sabor, a mesma ordem dentro do arbitrário, o mesmo apaixonante interesse. Branquinho da Fonseca deve desconfiar da espontaneidade com que a sua imaginação gera estas sugestões de filme americano, com leves tintas de intelectualismo. Edgar Poe pode ser evocado como comparação longinqua e esmagadora. Mas se o cinema tem ido algumas vezes buscar sugestões a Edgar Poe, não é dum interesse por aí além que escritores de agora vão inspirar-se no autor de *Ligeia*—com o cinema de permeio.

Um pobre homem é uma destas brincadeiras que se escrevem para impôr uma revista literária com intuitos renovadores. Está mal dentro do livro dum autor que atingiu a maioridade literária. A confusão propositada entre o que se passa no filme e na plateia, dando á prosa o aspecto desalinhado dos bons tempos do futurismo, pode, quando muito, despertar um sorriso quando se encontra o fio condutor daquela espécie de jogo de disparates. De resto, nessa confusão reside o principal interesse do conto. No que se segue já não há confusão, mas o arbitrario continua. Faz pena ver o autor malbaratar os dados da sua observação no dialogo do porteiro do cinema com a velha que vai comprar azeite para chegar ao magro resultado da cena de pancadaria com que o conto finda.

As mãos frias é já outra espécie de jogo literário. Aqui Branquinho da Fonseca mostra um sentido subtil e profundo das *correspondências* psiquicas. Uma rapariga, colocada sózinha diante dum morto que mal conhecia, sente a tentação de lhe palpar as mãos, como vira já fazer á velha criada do defunto. Roça-as de leve, e logo sobe ao seu quarto a lavar-se, para desfazer a impressão penosa. Na cozinha de baixo, a criada e uma vizinha bebem e falam da vida alheia. A rapariga, desejosa de mostrar que não tem medo, volta a aparecer-lhes. O espectáculo das duas velhas bêbedas, ali ao pé de um morto, causa-lhe um mal-estar que o vozear insultuoso da criada transforma em perplexidade interior. Recolhendo ao seu quarto, chora nervosamente. Vem o noivo, preguntalhe porque chora, e ela mal sabe responder. Fala-lhe do morto: «Morreu o sr. Pedro», e o noivo, julgando reconhecer uma paixão funda onde há apenas uma emoção de causas imponderáveis, sai porta fóra, talvez para não voltar.

Os pormenores estão propositadamente esfumados. Não se sabe quem é a rapariga, quem é o noivo, quem é o morto. Mas sente-se, naquelas páginas, passar um calor de vida. A cena da embriaguez das duas velhas é cheia de verdade. Branquinho da Fonseca tem um poder de observação especial para captar o modo de falar dos incultos. O conto, sem querer provar coisa alguma, é um momento literário de primeira ordem, e parece-me o mais notavel do livro, guardadas para *O Barão* todas as honras que lhe valem a qualidade da pintura, incisiva e forte, o extraordinario poder impressivo da cena da *tuna*, e a aura poética que rodeia o protagonista.

Seja qual fôr a originalidade do seu processo de descrição, Branquinho da Fonseca, é, como contista, amiude prejudicado por um alheamento—que não quer dizer ausência—do sentido de composição. A sua prosa, não isenta de máculas, analisa com notável percuciencia certos momentos de panico interior. Esta predileção empurra-o talvez demasiado para o episódio, pouco mais lhe permitindo do que a fixação de estados que, isolados de mais amplo conflito humano, se arriscam a não transcender a significação puramente artistica. E' possivel que se detenha aqui a sua ambição. Em todo o caso, o leitor vulgar sente uma espécie de insatisfação quando o escritor pára no limiar do vasto cachoar de sentimentos duma humanidade feita á imagem e semelhança dele leitor. E qualquer coisa fica amputada nêste encontro incompleto com a realidade: ou a poesia dos sentimentos, ou a sua expressão fortemente dramática. Entre o delirio e a lucidez—a poesia e a prosa—Branquinho da Fonseca deverá optar um dia. Um conto como *As mãos frias* é, por agora, um episódio isolado na sua bagagem.

Se o sentido do real extreme aflora apenas em raros momentos no processo de Branquinho da Fonseca, em Anastácio Lalanda, autor de *Lagarteiros* (Depositária Livraria Simões Lopes——Porto) comanda a maior parte das páginas, só se atenuando quando estas atingem aspectos excessivamente caricaturais.

Lagarteiros dá-nos diversas figuras duma vila que o autor não localiza especialmente em qualquer provincia, e que, por isso, se parece com todas as vilas portuguesas. As vaidades, os ridiculos, as pequenas ambições, os mexericos e intrigas dos meios pequenos, com todos os inconvenientes e nenhuma das vantagens da civilização, encontram-se, focados com boa disposição nas crónicas que compõem o livro. Anastácio Lalanda, contudo, dá-nos o fundo sem nos dar um primeiro plano. A meia duzia de retratos da sua galeria está, de facto, muito parecida com os modêlos, que são figuras conhecidas de todos os que algum dia viveram em terras pequenas da provincia, e se encontram, até, em meios que presumem de superiores. A análise, porém, incide apenas sôbre sentimentos miudos, e, como o processo é sempre o anedótico e o autor não visa mais fundos horizontes, a leitura acaba por cansar. Anastácio Lalanda poderá, é certo, argumentar que não pôde analisar senão aquilo que encontrou. De acôrdo. Resta saber, porém, se valerá a pena a um autor ficar-se na simples análise, e se o melhor tom para esta é o da anedota fácil, da frase representativa de cada personagem, da ausência de ironia transcendente em relação ao objecto da análise. Depois, com a insistência, o retrato torna-se caricatura. Aquela sub-humanidade não tem entranhas, e não aparece ninguém a estabelecer o contraste ou pelo menos a tornar legitima uma longinqua aspiração de melhoria. Todos os sentimentos foram captados á superficie, e o que há de por vezes grande e trágico nos ambientes reles, que só uma pupila luminosa como a dum Raul Brandão pode surpreender, não se vislumbra nêste livro.

Ao fim de dois ou três trechos o leitor desespera de encontrar o que naturalmente se procura num livro de ficção: o interêsse de comédia ou de drama, suscitado pelo choque das psicologias. Tão pessimista visão poderia ainda assim impôr-se artisticamente, se o estilo ou o diálogo sugerisse uma superioridade imanente, o que infelizmente não sucede.

O autor tem, contudo, qualidades de observação, e se mudasse em auto-crítico o espirito crítico que desenvolve a comentar, numa espécie de prefácio, as crticas com que foi acolhido um seu livro anterior, que na portada dêste se ostentam em parada, faria decerto obra mais digna de interesse. Digo isto sem querer duvidar de que o publico, que, segundo afirma o autor, lhe esgotou o primeiro livro, proceda identicamente com o actual.

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

ECOS

O general MacArthur trabalha para destruir o shintoismo, a-fim de retirar ao imperador Hirohito o poder teocratico que lhe garantia a plenitude da irresponsabilidade e a categoria divina. Propõe-se o grande cabo de guerra «humanizar» o Japão. Não é cousa facil suprimir a religião que ha muitos seculos domina um povo. O general MacArthur não é, porém, homem para se arrecear de dificuldades, achando-se mais que convencido de que chegará ao resultado desejado—enterrar velhos deuses.

Resistirá o imperador a tão perigosa experiencia?

Aguentará ele o ar do seculo» privando-se do misterio que o rodeava?

As lutas anti-religiosas são cheias de surpresas, porque as fôrças que nelas se entrebatem não obedecem á razão, mas sim ao inconsciente. O general MacArthur é um americano de qualidade que pensa e raciocina com a certeza de que tudo se renderá á logica que ele representa.

Há alguma cousa que se subtraia á sua clara visão dos factos?

Na Asia e portanto no Japão, o humano e o divino interpenetram-se, sendo dificil saber se há entre eles qualquer linha de separação. Hirohito foi criado na crença de que era um deus. O seu povo respeitava-o como tal.

Tornar-se-á definitivo o novo sistema imperial em que um e outro mudem tão radicalmente de habitos e de tradições?

Aquilino Ribeiro publicou «O Livro do Menino Deus», a-fim de situar, nas imaginações e nos corações, uma historia que é também um exemplo de quanto pode a palavra de Deus.

Nestes dias em que o maravilhoso tirita numa fria noite, abandonado á neve, ao frio e á tristeza das brumas que descem do ceu para terra, o romancista Aquilino Ribeiro, com a sua prosa e arte admiraveis, relembra, reaviva as chamas desfalecentes, conseguindo novo «fiat lux». Bela acção a do homem que, apesar dos negrumes e tempestades da vida, ergue a sua lampada sobre as multidões desoladas e diz-lhes:

—«Olhai, olhai, que vai surgir para vós uma luminosa promessa que será lume e vida de milhares de gerações!».

Parece que, em 16 homens, o cancro colhe uma vida. E' um infatigavel ceifeiro em toda a terra—o cancro. Ele por si só daria conta da humanidade, se o deixassem trabalhar sossegadamente.

Qual o exército que se lhe possa comparar?

Henrique IV escreveu, numa das suas cartas:

—«Todos nós caminhamos para a morte como os rios para o mar».

Não há muro por detrás do qual possamos parar o tempo. O cancro galopa, ruge e ameaça as raças e as civilizações, sentindo-se com a coragem suficiente para o exterminio universal. Entre todas as guerras, a sua é a mais discreta e destruidora.

Quem sairá vencedor?

A ciência acumula recursos para a batalha decisiva. Confiêmos nela, ajudando-a, não com palavras mas com obras.

—«Em 16 vidas, o cancro escolhe uma que pode ser a mais rica de promessas».

Se a tuberculose é como o rio do Inferno uma torrente de ais e gritos, o soluçar imenso das turbas, o cancro abafa no seu monstruoso silencio as suas vitimas, dizendo-lhes:

—«Caminha e não olhes para trás!».

As Boas contas são a Base da Boa Economia

As joias verdadeiras são a melhor garantia do vosso dinheiro.

Grande Ourivesaria da Moda

257—*Rua da Prata* (Esq. de Santa Justa)

PLATEIAS

MANUEL GUEDES

Trav. do Noronha 32 (a S. Mamede)

Tel. 6 0676

O PORTO pelo telefone

Oficiais americanos no Porto

PORTO, 3—O vapor de carga americano «Isaac Coles», que veio a Leixões desembarcar uma grande quantidade de trigo exótico, é tripulado, na sua maior parte, por oficiais da armada dos Estados Unidos. Entre eles vem um capitão do exército com a missão de dirigir o reembarque de tropas do seu país que se encontram em França.

Estes oficiais, bem como o comandante do barco, visitaram demoradamente as instalações dos bombeiros voluntarios portuenses, onde foram recebidos pela direcção e pelo comando.

Toda a oficialdade se mostrou agradávelmente impressonada com a quantidade e a qualidade do material, quer dos serviços de incendios, quer dos de saude, com o posto médico-cirurgico, os socorros a naufragos, etc.

Na sala da «mess», foi-lhes oferecido um «Porto de honra», durante o qual entre os bombeiros e os oficiais americanos se trocaram as mais efusivas saudações.

Aos visitantes foram oferecidos emblemas da corporação.

Os voluntários portuenses vão no sábado a bordo retribuir a visita.

O «Isaac Coles» vai seguir em breves dias para Marrocos e dali para Marselha, onde se fará o embarque das forças americanas que regressam á Patria.

Importante venda de terrenos

No átrio da Camara Municipal, foram afixados editais, anunciando para o dia 1 de Março a venda em hasta publica dos mais importantes terrenos municipais, obtidos por expropriações judiciais e amigáveis, situados no coração da cidade.

Assim, vai á praça, por 3.000 contos, um talhão situado na praça D. João, á esquerda da rua Sá da Bandeira, lugar onde é obrigatória a construção dum edificio monumental, digno do prédio que lhe fica fronteiro—o arranha céus.

Com a base de licitação de 500 contos, vão á praça 240 metros quadrados de terreno, situado em frente á Confeitaria Flórida, junto ao gaveto da rua do Bomjardim com a rua Rodigues Sampaio.

E, finalmente, será também posto em praça, um talhão de 742 metros quadrados de terreno situado no angulo sul das ruas Ramalho Ortigão e do Almada, com a base de licitação de 1.100 contos. Junto a este terreno, possui uma importante empresa desta cidade o local onde projectava construir um monumental bloco, constituido por um grande hotel e um cinema, com frente para a avenida dos Aliados, para o que contava, necessáriamente, com a parcela do terreno que a Camara expropriou e vai agora pôr em hasta publica. Dada, porém, a alta base de licitação, a aludida empresa vai desinteressar-se da referida construção—o que vem prejudicar enormemente a cidade, limitando-se a edificar no seu terreno qualquer pré de menor valor sem aspecto monumental. Por seu turno, o terreno em almoeda não tem, isoladamente, o valor que teria em conjunto com o outro que, como dissémos, possui uma enorme frente para a principal artéria da cidade.

Os tribunais

Realiza-se esta tarde, na Relação do Porto, uma reunião á qual devem assistir o presidente daquele Tribunal superior, um delegado da Camara Municipal, na ausência do sr. professor Luiz de Pina, e os juizes dos primeiros tribunais cível e criminal. Esta reunião é destinada a resolver-se a instalação, no antigo convento de São João Novo, de todos os tribunais criminais que se encontram deficientemente instalados em prédios de aluguer.

No tribunal cível, procedeu-se hoje á primeira distribuição de papeis do ano corrente. A afluência foi pequena, sendo apenas distribuidos 39 papeis, entre processos, cartas precatórias e notificações. Dos processos distribuidos, nenhum é de valor elevado.

Novo enfermeiro-chefe

A mesa da Santa Casa da Misericórdia nomeou enfermeiro-chefe do banco do Hospital Geral de Santo António o sr. João Ferreira Seixas, que há 12 anos vinha trabalhando no referido banco, com muito zêlo e competência. O novo enfermeiro-chefe tem recebido muitas felicitações de amigos e colegas.

Exposição bibliográfica

Encerra-se hoje á tarde a exposição bibliográfica organizada pelo Ateneu Comercial do Porto, onde figuram numerosas obras de Sousa Viterbo.

Presidente da Camara

Partiu para Lisboa, a fim de assistir á reunião da Camara Corporativa e de tratar de assuntos referentes ao municipio portuense, o presidente da camara municipal, professor dr. Luiz de Pina.

Comissão do Socorro do Inverno

Hoje, ás 17 horas, reune-se, sob a presidencia do governador civil, sr. dr. Mário de Almeida, a comissão distrital do «Socorro de Inverno».

Movimento maritimo

Entrou hoje em Leixões, com carga diversa, procedente de Lisboa, o vapor «Silva Gouveia».

Saíram para a barr ado Douro o iate «Bata»; para Viana do Castelo o iate «Alentejo»; e da barr ado Douro, para Lisboa, com carvão, o iate «Cumpridor».

Festa elegante de caridade

Na sala holandesa do palácio de Cristal, realiza-se, no próximo domingo, uma festa elegante e de beneficencia.

Pouca sorte com as criadas...

O sr. Gil Dias de Carvalho e Castro, proprietário, residente na rua Alegre, na Foz do Douro, queixou-se á Policia contra duas antigas criadas suas, cujos nomes citou, e que, de um cofre portatil, lhe furtaram 7.770$00 e objectos de oiro e roupas no valor de 2.500$00. sas estão ainda meio ubmeras.

Centenário de Sousa Viterbo

Integrada nas comemorações do centenário de Sousa Viterbo, realiza ámanhã, pelas 18 e 30, uma conferência, no Museu Nacional de Soares dos Reis, o sr. dr. Xavier Coutinho, que falará sobre «A lição de Sousa Viterbo».

Será exposto o medalhão deste notável investigador da história da Arte, que foi executado pelo escultor Henrique Moreira.

Esta conferência é promovida pelo «Circulo dr. José de Figueiredo».

Orfeão do Porto

Toma hoje posse, ás 22 horas, a nova direcção do Orfeão do Porto, á qual fica a presidir o sr. dr. Francisco Pimentel Tôrres.

Noticias desportivas

Realiza-se hoje, ás 22 horas, na sede do Boavista Futebol Club, mais uma reunião de atletas, integrada no ciclo de conferencias e palestras educativas, levadas a efeito por aquele club.

EM 3 LINHAS

O Ministério dos Estrangeiros comunicou o falecimento, em Leopoldville, do português José Lopes Duarte, de Santa Comba Dão (Ovoa) que deixou um crédito de 250.000 francos.

///

O Conselho Permanente da Acção Educativa estabeleceu, com homologação pelo subsecretário da Educação, que o curso complementar do comércio seja equivalente ao antigo curso geral dos liceus (5.º ano).

///

A «Italcable» reuniu-se à «Italo Rádio», e modificou a sua denominação, mantendo, porém o primeiro nome «Italcable» na inicial. Entre os administradores contam-se um representante do governo italiano e outro do governo espanhol.

///

Uma imagem de Cristo, em marfim, com coroa de prata, da igreja de Santana do Mato, de Coruche, foi mandada arrolar e não poderá ser alienada ou sair do país.

///

A capela da Misericórdia de Palmela, encerrada há 35 anos, foi reaberta no dia 1, depois de beneficiar de obras.

///

O tomo I do «Dicionário Bibliográfico», de Inocêncio, que há muito se encontrava esgotado, está à venda em 2.ª edição, na Imprensa Nacional.

///

Em 1944 o distrito do país onde a natalidade era maior era o de Ponta Delgada, taxa de 33,62, seguindo-se Vila Real, e aquela onde era menor o de Lisboa, 16,02. Eis um índice.

///

Também o saldo fisiológico (diferença favorável entre nascimentos e obitos) apresenta o distrito de Lisboa em ultimo lugar, sendo o maior o do Porto (nove vezes mais). Na nossa capital é mesmo—negativo.

///

A razão deste resultado negativo para a cidade de Lisboa está, já se tem dito, no fenómeno do «urbanismo». Milhares de pessoas vêm da província para a capital—e cá morrem.

///

Vai ser remodelado o sistema legal que regula os acidentes de trabalho.

///

O sr. dr. Fernando Correia vai ser nomeado director do Instituto de Higiene dr. Ricardo Jorge.

Ouro, Pratas ou Joias

Se pretende vender, mesmo empenhadas, só o deve fazer na OURIVESARIA PORTUGAL

Ninguem cobre os seus preços

ROSSIO, 122

(Esq. da Rua da Betesga)

Mobilias Modernas Esmaltadas

Preços especiais de Fabricante

Fábrica de móveis C. LUC

Salões de Exposição e venda

240 - Av. da Liberdade - 240

Esq. da R. Alexandre Herculano

Três silhuetas das oito francezinhas qu Oran, num avião espanhol, como São galantes como francezinhas e moda. Vieram com elas a cançonet costura, um dos quais, o sr.

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

CHEQUE SEM COBERTURA—O sr. Fernando dos Santos, residente na estrada de Caselas, 19, 3.º, queixou-se contra um individuo que lhe entregou, num pagamento, um cheque stm cobertura, de 6.978$00.

ROUBO DE DOIS ALFINETES—Os srs. Emilio Correia Pires, residente na rua do Poço dos Negros, 61, 4.º, e José Joaquim Rodrigues da Silva, morador na rua do Ouro, 208, queixaram-se á P. I. C. de que ás respectivas esposas foram roubados, em carros eléctricos, alfinetes com brilhantes, respectivamente no valor de 3.000 e 3.500 escudos.

REUNIÃO DE CURSO

Por motivo de força maior, o jantar de confraternização do curso médico de 1939 foi adiado para o próximo dia 5 re janeiro. Continua, portanto, aberta a inscrição para o referido jantar, na sucursal do «Seculo», no Rossio, até hoje.

MUTUALISMO

Realiza-se hoje, pelas 21 horas e 30, na sede da Associação de Socorros Mutuos de Empregados no Comércio de Lisboa, o acto de posse da direcção eleita para o exercicio de 1946.

GRUPOS ONOMASTICOS

Em homenagem ao grupo omonastico «Fernandos de Portugal» realiza-se no próximo sábado, 5, no Clube Estefania, um sarau, em que tomam parte artistas de teatro e da rádio, e seguido de baile.

REUNIÃO COMEMORATIVA

Festejando o aniversário do Café Universitário, no Campo dos Martires da Pátria, realiza-se ali uma festa, amanhã, ás 19 horas.

A morte trágica duma pequena artista dum circo ambulante

A história da pequena artista de circo, Georgette Dias Buain, ontem contada nas suas linhas simples e comoventes não deixou de interessar vivamente os nossos leitores. Nada lhes pedimos e eles tudo compreenderam.

E, assim, para que á solidariedade dos artistas seus companheiros de trabalhos, se juntasse a boa vontade de todos—começaram a vir até nós os donativos. A infeliz Georgette, mulherzinha de 13 anos que, com os irmãos, trabalhava de dia em contorcionismo pelas ruas, sempre que o trabalho á noite não rendia, não irá parar á vala de todos os que não têm dinheiro nem um parente ou um amigo que lhes cerre os olhos. Apareceu na agencia Magno um anónimo que se prontificou a fazer as despesas do funeral, e, á nosa redacção, chegaram já alguns donativos. Registamo-los—não já para o funeral, mas para a familia da Georgette, que vive na maior penuria e que terá de recomeçar, agora, a estudar os seus numeros de circo, sem a companheira morta. Eis a lista das subscrições: «Um casal de artistas», 500$00; de V. L., 20$00; Madeira & Marques, L.da, 100$00; «Um rei Mago», 100$00; Scalabitano», 100$00.

O cadaver da infeliz Georgette continua em Santa Marta, aguardando que do Instituto de Medicina Legal o reclamem, para se proceder á autopsia, não estando, portanto, marcado o dia do funeral.

A Lei garante os trabalhadores contra os Aci

ULTRAM

garante os patrões contra as r

Sede em Lisboa: Rua da Prata, 108—Telef.

chegaram esta manhã, de Paris, via embaixatrizes da moda francesa. alantes como estatuetas vivas da sta Jamblan e dois técnicos de Gorland, chefia a missão

Vida desportiva

FUTEBOL

Os desafios-treinos da selecção nacional

A selecção nacional começa este mês, prátìcamente, a sua preparação de conjunto.

Para o efeito, realiza-se, no próximo dia 16, no Estádio Nacional, um desafio-treino entre duas selecções organizadas por Tavares da Silva.

O grupo representativo do país apresenta-se depois, no próximo dia 31, no Estádio do Lima, defrontando a selecção do Porto.

Estes encontros visam a ideia de conjunto, não tendo a linha apresentada carácter definitivo.

Suspensões aplicadas a jogadores de categoria

Na sua reunião de ontem á noite, a comissão administrativa da Federação Portuguesa de Futebol aplicou as seguintes suspensões, por motivo de incidentes ocorridos na quarta jornada da 1.ª Divisão:

Carlos Baptista, do Atlético: 4 jogos; Frederico Barrigana, do Futebol Club do Porto. 4 jogos; Joaquim Teixeira, do Benfica: 2 jogos.

O novo campeão de Evora

O União de Montemor foi considerado campeão distrital, pela Associação de Evora, beneficiando dum êrro cometido pelo Estremoz que alinhou irregularmente um jogador.

O Juventude—que estava em primeiro lugar—desce do pedestal.

O Sport Lisboa e Evora também beneficia com o caso, entrando na 2.ª Divisão do Campeonato Nacional, como quarto classificado distrital, em vez do Estremoz.

Recomeçaram os trabalhos da Câmara Corporativa

A Camara Corporativa recomeçou os seus trabalhos, depois das ferias do Natal. A's 11 horas, a secção de Finanças e Economia Geral apreciou o parecer subsidiário, da autoria da professor sr. dr. Fernando Emidio da Silva, referente á proposta de lei sobre organização hospitalar. E ás 15, para apreciação do parecer geral, de que é autor o professor dr. Reinaldo dos Santos, acêrca do mesmo importante diploma, reuniram-se, com aquele procurador e com os srs. drs. Julio Dantas e Maximino Correia, as secções de Autarquias locais, Politica e Administração Geral, Justiça e Interesses Espirituais e Morais.

Logo que estejam concluidos e aprovados por aquelas secções os pareceres da Camara Corporativa, a referida proposta de lei começará a ser discutida pela Assembleia Nacional.

Um crime em Angola

SA' DA BANDEIRA, 3.—Na igreja, à hora da missa, em consequência de discussão futil, um indígena agrediu, com um canivete, nas costas, o nativo Augusto Geraldes, ferindo, depois, o europeu Eduardo Lima. O agressor fugiu, escondendo-se no templo, mas foi preso pouco depois pelo chefe da Policia, que ainda o livrou de ser agredido pela multidão de indígenas.—(Lusitania).

lentes de Trabalho. O seguro na

ARINA

sponsabilidades que a Lei lhes impõe.

23348/9 Estado 205

Livros de medicina

No quadro do vasto e animador movimento editorial português afigura-se-nos justo e oportuno observar que, no capítiulo dos livros de medicina, os trabalhos lançados no mercado nos ultimos dois anos, representam um subsídio valioso paar o avanço das ciências médicas e da cirurgia no nosso país.

Volumes de grande categoria profissional e de belo aspecto gráfico—por vezes luxuoso, como do melhor que se faz lá fora—subscritos por alguns dos primeiros nomes da cirurgia e da medicina nacionais, tem aparecido no mercado livreiro, mercê de um esforço editorial que não tem paralelo, no género, em Portugal.

Cabe essa obra, arrojada e meritória, levada a efeito com um investimento de capitais incalculável, à iniciativa da Livraria Luso-Espanhola que, desde a sua auspiciosa instalação na rua Nova do Almada, tem marcado por um labor constante e por um progresso merecido.

Os seus sócios-gerentes, que têm sido os grandes animadores desta iniciativa—cartada que podia decidir da vida ou da morte de uma casa editora—facultaram-nos hoje uma breve rezenha das edições científicas da sua empresa.

Obras pu...

Começando por citar esse admirável estudo do prof. Lopo de Carvalho «Lições de tisiologia», volume que se encontra esgotado, enumeraram depois os três volumes do «Tratado elementar de Histologia e Anatomia microscópica», da autoria dos professores Celestino da Costa e Roberto Chaves, e os «Elementos de fisiologia» (Fisiologia geral) do prof. Ferreira de Mira.

—Sobre transfusões de sangue?—interrogamos.

—Temos a obra «Dadores de sangue» (organização, clínica e laboratório) da autoria do dr. Almerindo Lessa.

Prosseguindo, falaram-nos de outras edições da Luso-Espanhola: «Patologia geral das isquémias dos membros» (Ensaio sobre o seu aspecto clínico) pelo dr. João Cid dos Santos; «O estado actual da luta contra a tuberculose em Portugal», pelo dr. José Rocheta, e «Alimentação infantil e transtornos de nutrição dos lactentes», pelo prof. Castro Freire, com a colaboração do dr. Marques Pinto.

—Tem também livros sobre doenças mentais?

E vem logo a citação do estudo «O tratamento cirúrgico das doenças mentais», da autoria do dr. Almeida Amaral, ao qual o «Diário de Lisboa» já há tempo se referiu, como aliás a outras edições desta casa.

—O nome da vossa livraria—atalhamos—permite-nos perguntarlhes se também editam em língua espanhola...

—Sim, senhor. Já temos uma edição em espanhol: «Formas anatomoclinicas diagonostico y tratamiento de la tuberculosis pulmonar», pelo conhecido tisiologista espanhol, mas trabalhando no nosso país, no Sanatório do Caramulo, dr. Manuel Tapia.

Depois de citarmos as suas mais recentes edições—«Manual de oto-rino-laringologia», pelo prof. Carlos Larroudè, e «Vitaminas e neuroavitaminoses», pelo prof. Diogo Furtado— referem-nos estes dois numeros curiosos, que são uma síntese admirável do labor da Luso-Espanhola:

—Até agora, são nada menos de 4451 páginas e de 2158 gravuras, ou seja, na verdade, o maior programa de edições de obras de medicina, de autores portugueses outrabalhando em Portugal, até hoje concebido e realizado no nosso país.

C... em ...ção

E os nossos entrevistados prosseguem:

—Mas a nossa actividade, felizmente, não cessa. Vamos lançar, no proximo ano, mais estas edições: «Conferencias de pediatria», realizadas no Serviço de Pediatria do Hospital D. Estefania sob a direcção do dr. Cordeiro Ferreira; «Lições de Patologia cirurgica» «Geral) pelo prof. Raynaldo dos Santos e seus assistentes; «Exame clinico do sistema nervoso», pelo porf. Almeida Lima; «Estudos de endocrinologia», pelo prof. Eduardo Coelho; «Terapeutica das doenças endocrinas», pelo dr. Iriarte Peixoto, e «Tumores da capsula suprarrenal», pelo prof. Jorge da Silva Horta.

Manifestamos a nossa compreensivel admiração por um tão vasto programa de execução dentro dos proximos meses, mas os gerentes da livraria Luso-Espanhola têm ainda mais alguma coisa a revelar-nos...

Uma revista de medicina

E dizem-nos:

—Vamos lançar amanhã uma revista de medicina e de cirurgia em moldes modernos, que se denominará «Clinica Contemporanea» e cuja direcção está confiada a três nomes que são três garantias do alto valor dessa publicação: os prof. Francisco Gentil, Toscano Rico e Fernando Fonseca.

E além da medicina?

—Editamos um notavel trabalho sobre «Maquina de Combustão Interna» da autoria do engenheiro Noval José Rodrigues dos Santos (1.º tenente piloto aviador), e dez volumes da já conhecida colecção «Biblioteca Rural» dirigida pelo engenheiro agronomo Quartin Graça.

A rematar:

—Eis alguns traços da nossa actividade. Temos encontrado perfeita compreensão por parte daqueles a quem este labôr é, especialmente, dirigido. Confiamos plenamente em que continuaremos a contar com esse estimulo e com esse incentivo, apoio que, julgamos, na verdade merecer.

A PROPOSITO DE...

O duelo do professor Gentil

por *Norberto de Araujo*

A serie de artigos—reportagem retrospectiva—acêrca de duelos celebres em Lisboa, paciente e generoso estudo do meu camarada Artur Portela, trabalho no «Diario de Lisboa» desenvolvido sem cronologia ou sistematização mas com indiscutivel beleza literaria e nobilissimo sentido de proporções—tem provocado um interesse publico acima do vulgar, o que sendo aliás, natural por merecido, é lisonjeiro para todos nós. Alguns desses artigos são paginas de antologia do melhor jornalismo. Do mais perfeito que, no genero tão dificil, em Portugal se tem escrito.

A esse proposito, na sugestão do assunto, o mestre de armas Carlos Gonçalves fez no «Rotary» uma pequena comunicação sôbre duelos e as armas empregadas nesses torneios de desafronta. Não temos á vista o extracto da palestra, técnica sobre o sistema das armarias. Sabemos que foi curiosissima aquela comunicação. As armas dos duelos...

Nós temos, por nós, que o duelo é uma grande exigencia da vida. O duelo em campo é apenas um «momento convencional». A emoção, a duvida, a justiça, a sorte, o sangue frio, a impetuosidade—todo o drama, emfim, que, nem pela circunstancia de parecer uma comedia, deixa de ser profundamente humano—entram no lance como peças acessorias. O fundamental—é bater-se. O duelo em campo não passa contudo, de uma exteriorização.

Os grandes duelos—não são esses. Os grandes duelos não se fixam numa objectiva, não têm juizes de campo, não se podem conter numa cronica e muito menos numa acta. E o duelo eterno «de vida ou de morte». Duelo do individuo com o seu meio, do homem consigo próprio, da ambição legitima com a apatia acòmodaticia. Da ideia com a ideia. Choque de orgulhos, explosão de conceitos antagonicos. A acumulação destes lugares comuns serve á nossa tese de que o duelo é uma exigencia da vida.

Os duelos da palavra foram, desde os gregos, das mais belas afirmações do homem viril. Falar—na tribuna, no estrado, no livro, no pulpito, no parlamento, no comicio, á roda de uma mesa—é pressupor que outro homem falará. O duelo das ideias—tem armas que não vêm nos compendios de armaria. Porque nesses duelos, que durarão a vida da humanidade, se usa e abusa da «espada preta»—é que os grandes vencedores são os que se perfilam em posição de lealdade, em sentido de justiça, em atitudes de nobreza e—ai dos vencedores!—em formação generosa de sacrificio.

E não se dirá que nisso tudo, que é afinal a vida dos homens que não nasceram para bichos de conta—não há beleza. Transcende essa beleza da futilidade decorativa da palavra, do próprio calor emocional do genio. Os duelos da palavra nos Parlamentos, por exemplo, nas academias, nos conselhos, nos tribunais—em todos os plenarios onde o homem toma a majestade do seu direito quasi divino—são monumentos de beleza.

O duelo das ideias será perpetuamente o do amor e do odio. Onde amor representa verdade e odio representa injustiça. Onde amor é ciencia e odio ignorancia. Onde amor é o bem e o odio é o mal.

O professor que ensina—trava um duelo constante, no qual ele está sempre em posição de generosidade ante o adversario—seu irmão pequenino. O sabio que investiga, o apostolo que prega, o artista que desbasta. Toda a vida é o duelo—de um com um. O duelo—vale mais que uma batalha. Por isso antigamente, em Portugal, o combate singular valia por uma Aljubarrota. E o poeta que canta, e o trabalhador que abre as entranhas da terra, e a mulher que ama—sempre duelo de um com um—e o medico que salva...

Depois do mestre Carlos Gonçalves ter falado de armarias, o professor eminente que é Francisco Gentil—homem superior cujo retrato está por pintar nos altos e baixos da sua singular personalidade, vincada pelo penetrante e rutilo saber e por uma bonomia contraditada por faiscas de mau humor artificial—quis tambem contar o seu duelo. E eis um simbolo da vida e da morte, do amor e do odio.

No Boqueirão do Duro, ali á Boa Vista, dois homens bateram-se em duelo—á navalha. Por causa do trabalho, por causa do jogo, por causa de uma mulher? Um deles sofreu uma facada no coração.

E agora se trava outro duelo. Francisco Gentil—1903—então já á beira do professorado magistral, vai bater-se... com a morte. Operar um coração cortado nos dois ventriculos! E o cirurgião, jovem que pouco mais tinha que 26 anos, empunha a sua arma branca—um bisturi—depois uma agulha, segura o musculo, corta, cose, ouve as pulsações, recose, e num golpe de anjo bom, naquele duelo da vida com a morte—tendo apenas Deus por juiz de campo—põe o coração no fino e o homem outra vez no Boqueirão do Duro.

E ai está—um duelo em beleza, para salvar um coração, e cujo drama se passou todo—no coração do medico.

NORBERTO DE ARAUJO

O sr. Bernardino Correia, ouvindo lêr a mensagem de saudação durante a homenagem que ontem lhe foi prestada pelos seus cooperadores, que inauguraram o seu busto, em bronze, na sala das sessões dos conselhos, da suas actividades industriais e comerciais

COFRES

MANUEL GUEDES

Trav. do Noronha 32 (a S. Mamede)

Tel. 6 0676

VITRINES

MANUEL GUEDES

Trav. do Noronha 32 (a S. Mamede)

Tel. 6 0676

Visite a Exposição HALCÁ

O MELHOR TAPETE PORTUGUÊS
CASA DO DISTRITO DO PÔRTO
Praça do Marquês de Pombal, 15
DAS 14 AS 19 E DAS 21 AS 24 HORAS
ATÉ 6 DE JANEIRO

Anuário da Indústria e Comércio
— DE —
Lisboa, Pôrto e Províncias
A saír brevemente
Pedidos à sede: **Rua José Ricardo, 3 r/c Esq.º**

Palma & Companhia, Limitada

Por escritura desta data, lavrada nas notas do cartório do notário do Porto, dr. Ponce de Leão, foi constituida entre José Afonso de Palma e António Magalhães Silva, uma sociedade comercial por cotas, de responsabilidade limitada, nos termos e sob as clausulas e condições exaradas nos artigos seguintes:

1.º—A sociedade adopta a firma «PALMA & COMPANHIA, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento na rua Benformoso, n.º 175, da cidade de Lisboa e durará por tempo indeterminado, a começar nesta data.

2.º—O seu objecto é o comércio de mercearia, frutos sêcos, café e especiarias, bem como qualquer outro ramo deliberado por acordo dos sócios e que seja permitido por Lei.

3.º—O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 80 contos, sendo de 40 contos a cota de cada sócio.

4.º—A gerência dispensada de caução, compete aos dois sócios, sendo, porém, facultativa para o Magalhães e obrigatória para o Palma que lhe deverá dedicar toda a sua actividade.

§ 1.º—A sociedade poderá encarregar outras pessoas, além dos seus gerentes, do desempenho constante ou temporário de algum ou alguns dos ramos dos seus negócios.

§ 2.º—A firma social poderá ser usada por qualquer dos gerentes, bastando a intervenção de qualquer deles nos respectivos documentos para que a sociedade fique obrigada ficando-lhes, porém, expressamente vedado utilizá-la em actos estranhos aos negócios sociais, nomeadamente em letras de favor, fianças e responsabilidades semilhantes; o que infringir o estipulado, além de responder para com a sociedade pelos prejuizos que lhe cause, perderá a favor do seu consócio os lucros que lhe devam competir no ano em que cometer a infracção.

5.º—E' livremente permitida a cessão total ou parcial de cotas entre os sócios; para estranhos, nenhum deles poderá ceder a sua cota, no todo ou em parte, sem o consentimento do seu consócio, dado por escrito.

6.º—Anualmente será dado um balanço com data de 31 de Dezembro, devendo os lucros liquidos nele apurados, depois de retirados 5 % para fundo de reserva legal e as percentagens que forem deliberadas para qualquer outro fim de interesse social, ser divididos pelos sócios na proporção do capital das suas cotas, termos em que por eles serão suportados os prejuizos, até ao limite da sua responsabilidade.

7.º—Por falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, continuará a sociedade com o sobrevivo ou capaz e os herdeiros ou representante do falecido ou interdito, se todos estiverem de acordo, devendo os ditos herdeiros, nesse caso, nomear um de entre eles que nela os represente a todos, emquanto a respectiva cota se mantiver indivisa; na falta de acordo, o estabelecimento social, com todo o activo e passivo, ficará a pertencer ao sobrevivo ou sobrevivos ou capazes que pagarão aos demais interessados o que se mostrar pertencer-lhes apurado pela seguinte forma: a) quanto a cota, pelo valor com que ela figurar no ultimo balanço aprovado; b) quanto a crédito, pelo que acusar a escrituração na ocasião; c) quanto a lucros, pelo tempo decorrido desde o ultimo balanço até á data da ocorrência, por uma percentagem proporcionalmente igual á que, ao falecido ou interdito, tenha pertencido em igual periodo de tempo, por esse balanço.

§ unico—O pagamento referido será efectuado em quatro prestações semestrais e iguais, representadas em igual numero de letras, garantidas por fiador idoneo e acrescidas do juro anual da taxa de desconto do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação.

8.º—Dissolvendo-se a sociedade por motivo diferente do referido no art.º anterior, proceder-se-á á liquidação e partilha dos haveres sociais na forma deliberada entre os sócios, de acordo com a Lei.

9.º—As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas com a antecedência minima de 15 dias, sempre que por Lei não sejam exigidas outras formalidades.

Porto, 17 de Outubro de 1945.

O ajudante do notáro Dr. Ponce de Leão
Joaquim Tavares da Rosa

OS MAIS PERFEITOS
OS MAIS ORIGINAIS
E OS MAIS LINDOS
Bordados Portugueses
CASA REGIONAL
DA ILHA VERDE
RUA PAIVA ANDRADA, 4, LISBOA

BILHAS.TALHAS.BIDONS
CASA MYRA ESPECIALISADA EM VASILHAME METALICO

DESPACHAMOS E ENTREGAMOS RAPIDAMENTE
TELEF. 22289
TR. DO COTOVELO 37 (A R. DO ARSENAL) LISBOA

Em 10 prestações mensais
Fatos, Sobretudos e Gabardines
6, R. LORETO, 8

PELES
Grande liquidação por conta do fabricante
Peles soltas de todas as qualidades
Desde ...... 7$50
CASACOS
grande sortido de cores e variedades desde 650$00.
Artigos de viagem, malas e carteiras para senhora e homem. Secção de luvaria e meias. O maior sortido ao menor preço.
Forram-se botões
A Raposa Branca, Ld.ª
1-C Av. Almirante Reis, 1-D Telef. 44734

✝

António Serrão Franco

10.º ANIVERSÁRIO

Sua familia participa que amanhã, 4, será rezada missa por sua alma, ás 12 horas, na Igreja de S. Domingos.

M.me Jeanne Dartout

Missa do 1.º aniversario

Sua familia manda celebrar a Santa Missa sexta-feira dia 4, ás 11 horas, na igreja de S. Luiz—Rei de França.

Prometeu «A Mariazinha»...

....

«mas quando a guerra fôr «destronada» e «a Paz» volte a reinar (e se Deus quiser) então «A Mariazinha» continuará a ser...—A MARIAZINHA!..».

Felizmente a guerra terminou! Mas... —«infelizmente»—... as «coisas» é que continuam...—como todos nós estamos vendo...

«A MARIAZINHA», no entanto, reafirma o que então disse:
«Por agora esforça-se no servir o melhor que lhe é possivel e... até onde lhe é possivel...».

A Esperança, porém, não desapareceu. E «A MARIAZINHA»—afirma-o! —está de prevenção rigorosa» para ao surgir o momento oportuno, não deixar passar á sua frente «seja quem fôr!...».

....

... E até breve, se Deus quiser...

A Mariazinha
Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(à Igreja de S. Domingos)

CONCURSO DE MONTRAS

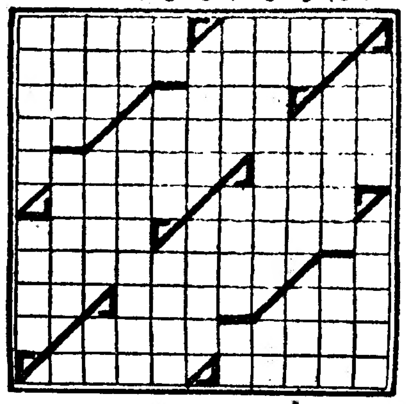
Dêste concurso actual
De grande competição,
Está a montra original
Na Rua José Falcão

E não há que duvidar
Se o Destino não engana,
O prémio vem a calhar
Na Sapataria «TRICANA»

Telf. 51170 RUA JOSE' FALCÃO, 56-58 LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1189



HORIZONTAIS: 1—Lisongeia com servilismo e afectação. Uma das ilhas que fazem parte da colónia de Macau. 2—Desmancha os grupos. 3—Agora. Soltar mios. Mil e cinquenta romanos. 4—Batraquio. Um dos maiores poetas latinos autor do poema «Da natureza das coisas». 5—Cunha. Perdi. 6—Impugna. Leito. 7—Elemento gasozo que se encontra no ar em minima proporção. Prisão. 8—Prendera á adriça. Doutor. 9—Preposição e artigo. Sofria. Preposição que designa falta. 10—Aquele que mata o pai. 11—Moradia. Nome dado ao domingo em que a igreja festeja a entrada de Cristo em Jerusalem.

VERTICAIS: 1—Venera. A não existencia. 2—Entregara. Peça de metal com valor fixado por lei 3—Emprega. Pôr contra. Utensilio domestico. 4—Nota musical. Rei de Esparta, que morreu na celebre passagem das Termópilas. 5—Simbolo quimico da prata. Passe para outro lugar. Branqueia. 6—Abastada. Tombar. 7—Luz da lua. Rosto. Sair. 8—Apreendida. Aqui. 9—Deus dos rebanhos. Cimo. Consentimento. 10—Amimai. Habilidade (fig.). 11—Nome de homem. Equipas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1188

HORIZONTAIS: 1—Murça. Lauto. 2—Anua. Silvas. 3—Lia. Pi. Ais. 4—Ha. Ai. Rã. Só. 5 — Ela. Verá. 6—Organizaram. 7—Amor. Alea. 8 — Em. Os. Ré. Ad. 9 — Puo. Pá. Aru. 10—Agravo. Eles. 11—Seara. Braga.

VERTICAIS: 1—Malhão. Cepas. 2—Unia. Muge. 3—Rua. Ega. Ora. 4—Cá. Alamo. Ar. 5—Pianos. Vá. 6—Si. Vir. Do. 7—Li. Rezara. 8—Al. Arabe. Er. 9—Uva. Adce. Ala. 10—Ta's. Ares. 11—Ossos. Medusa.

Os nossos contos

(Continuação da 2.ª pag.)

e arqueadas dum andar precoce. Depois, ovelhas, cabras, porcos.

Dia de Natal!... recordava vagamente que havia um dia sempre em que o mandavam recolher o gado cêdo, lhe davam pão e toucinho e o mandavam para a lareira. Havia fogo então na cozinha. Que êle, raro se servia da lareira. O corpo moidinho de montes e alcantilados, de corridas e caminhadas atrás de ovelha tresmalhada, mal o gado se arrecolhia, se arrecolhia êle á cama. Mas naquele dia, mal a tarde começava a sair fora, já o tinham mandado para a lareira. E ouviam-se pela casa tôda cantos de louvor, loas sonolentas. Deixava-se dormir, o pão na mão, até que o Piloto o vinha acordar, lambendo-lhe os dedos em festa agradecida. Junto ao lume, em panela de ferro, fervia a água. Tarde, davam-lhe umas sopas e mandavam-no para a cama. Ele entendia vagamente que era Natal, mas não compreendia porquê aquele festim todo. Sabia-lhe bem descansar, mas aborrecia-se, sem as suas cabras, o seu sol mais forte que a fogueira e os frios e a chuva, seus companheiros de sempre. Natal!... Só mais tarde soubera o que queria dizer. Só depois do mal ter entrado na sua alma, só depois de entender tudo o que de mal a terra tem, é que êle compreendera tôda a extensão daquela palavra. Natal é Bem. Natal, Familia. E da familia só aquela recordação boa lhe restava. E mesmo essa se fôra na voragem dos tempos. Depois, fôra a enxada, a foice. A pele tisnada, o corpo arqueado, calos nas mãos. Amigos, nunca. Um copo quando pago talvez trouxesse algum, mas nada mais. Era sóbrio de natureza. Na vida só êle e ninguem mais. Vivera. Um naco de pão, um brejo, uma ferramenta e mãos. A sua vida.

E hoje, a noite de Natal, em que Deus menino nascera, vinte seculos atrás, êle quisera ser bom. Dar-se todo em amor e em bondade. Quisera ter familia e ter lar, ter mulher e ter filhos. Uma mãe velinha a quem dar beijos, a porta aberta, a lareira acesa, pão branco, sôpa, tudo, para dar a quem passasse. Ele queria ser Deus e ser Homem. Ser crente e ser Jesus.

E a meia-noite dera, não que os ouvidos houvessem apercebido o som das badaladas, nem que os seus olhos enxergassem os ponteiros. Eles negavam-se-lhe a olhar, fechavam-se de torpôr. E' noite de Natal e êle queria ser bom. E a rua é estreita para conter a sua embriaguez. Ele queria um lar, um Deus, uma Familia, pão. E nada tem. Sómente... embriaguez.

E. T. B.

Teatros e Cinemas

EFEMÉRIDES

1914: Primeira representação, no Avenida, da tragédia-farsa (género Gran-Guignol) em 1 acto «Miséria, Loucura ou á Falência duma Padaria», original de Nascimento Fernandes. A peça teve a seguinte distribuição: «Teimosa», Amelia Pereira; «Serra», Nascimento Fernandes; «Machado», Estevão Amarante.

Fazem ámanhã anos: os actores (retirados) Teodoro de Freitas (Luiz Teodoro de Freitas) e Reinaldo de Azevedo (Reinaldo Augusto Alves de Azevedo); a actriz Margarida de Almeida (Margarida Pires de Almeida).

Atrás do reposteiro

Encontra-se em ensaios, no teatro Nacional, a famosa peça «Napoleão», de Paul Raynal, cujos principais papeis estão confiados a Palmira Bastos, Alves da Cunha, Adelina Campos, Samwel Diniz e Raul de Carvalho.

—O «vaudeville» em 3 actos «O Pão de Ló» deve subir ámanhã á cena no Avenida, numa nova realização de Piero, coros, cenários modernos e desempenhado por uma grande companhia. O papel de «Luiza», vai ser interpretado por Irene Isidro; o de «Cabo Borracho», por Estevão Amarante e o de «Justino», por Barroso Lopes.

—Na remodelação da revista «Alto lá com o charuto!», no Variedades, a actriz Mirita Casimiro apresenta dois numeros novos: «Harmonia» e «Nuno Alvares Pereira» e Vasco Santana: «Maluco dos Pregões» e «Trinca-Espinhas».

—Entrou hoje em ensaios, no teatro Nacional D. Maria, o original português de Manuel Frederico Pressler «O Homem e o Diabo», sendo os seus principais interpretes Madalena Sotto, Maria Barroso, José Gambôa, Raul de Carvalho, Maria Clementina e Manuel Correia. A direcção desta peça está confiada ao professor Meyenburg.

—Na revista «A Travessa da Espera», em ensaios no teatro Maria Vitória, a actriz Luiza Satanela, entre outros, desempenha os seguintes papeis: «Horas de Lisboa», «Sinfonia dos Tamancos» e «1900», este ultimo com o bailarino Francis.

—Começaram os ensaios do Rancho Folclórico dos Mercados, dirigidos pelo encenador Raul Feijão. As letras das marchas são de Frederico de Brito e as musicas do maestro Vasco Macedo.

—Está já organizado o elenco que vai desempenhar a revista «A Bomba Atómica», de Fernando Santos e Almeida Amaral, que entra em ensaios no Avenida por estes dias.

Teatro em Espanha

Faleceu D. Esteban de Juan, empresário do Teatro Principal de Valência.

—A companhia vienense que há tempos se encontra em Espanha apresentou recentemente no teatro Fontalba, de Madrid, a fantasia «Scala de 1946».

—A actriz Maria Fernanda Ladron de Guevarra ofereceu 2.000 presentes ao Sindicato dos Actores, com o fim de serem distribuidos pelas familias dos artistas mais pobres, nas festas do Natal.

—«Gran revista» é a peça que Célia Gamez está a ensaiar para o teatro Alcazar de Madrid. O guarda-roupa e cenários são de grande riqueza.

Cinemas de Paris

PARIS, dezembro.—Entre os passageiros do paquete «Alabama», chegou a França o conhecido artista austro-americano Eric von Strohiem. Entrevistado, manifestou alegria por regressar a França e acentuou a profunda impressão que sentiu á vista do Havre em ruinas.

Deixou a França em 1939, indo para Hollywood onde, chamado por contratos, realizou muitos filmes. De regresso, agora, a Paris, filmar, sob a direcção de Vitor Chenal, «Illusions», com Madaleine Sologne.

—A 3 de janeiro, realizar-se-á a primeira edição de novos jornais de Actualidades. Aos que se publicam actualmente, juntar-se-ão «Eclair-Magazine» «Actualités» da Gaumont e da Pathé, emquanto se aguardam as edições da Paramount e da Fox.

—O prémio Louis Delluc fazia, antes da guerra, concorrência ao Grande Prémio do Cinema. Durante a ocupação, êste ultimo continuou a ser atribuido, emquanto o outro foi voluntáriamente suspenso. Os papeis mudaram, e o prémio Louis Delluc vai ser atribuido á obra que caracterize o espirito de investigação que melhor simbolize o novo Cinema francês. São favoritos, «Les Enfants du Paradis», defendido por Henri Jeanson, «Boule de Suif», protegido por Marcel Achard, «Les dames du Bois de Boulogne», apoiado por Charensol, e «Falbalas», proposto por Jean Fayard.

—O cinema «Balzac» apresenta o filme «Sortilégios», realizado por Christian Jaque e desempenhado por Madeleine Robinson e Renée Faure, com o jovem galã Robert Pigaut, Fernand Ledoux e Lucien Coedel. A parte Christian Jaque nêste filme original é considerável. Soube tirar grande partido dos cenários com paisagens da Auvergne, simples e sóbrios. O chefe operador Louis Page secundou-o hábilmente, arranjando iluminações da neve que apresentam a atmosfera sobrenatural pedida pelo entrecho. Este, da autoria de Prévert, nem sempre está adaptado ás dificuldades da linguagem.—(Extinfor).

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL—A's 21 horas—«Os Maias».
MARIA VITORIA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«A Vitória».
VARIEDADES—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Alto lá com o charuto!».
APOLO—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Bolacha americana».
COLISEU—A's 21 e 30—Companhia de circo.

CINEMAS

S. LUIZ—«A caixinha das surpresas».
TIVOLI—«O ditador».
EDEN—«Alma cigana».
POLITEAMA—«Educação para a morte».
GINÁSIO—«Fantasia branca».
PALACIO e ODEON—«Madalena... zero em comportamento».
CAPITOLIO—«Um gatuno em apuros».
OLIMPIA—«Cinco segrêdos».
TERRASSE e LYS—«As chaves do reino».
REX—«Encontro em Berlim».
PROMOTORA—«Mulher espectro».
JARDIM—«O castelo dos doidos».
CAMPOLIDE—«Nobreza baturra».
R. AMADORA—«Rumo a Toquio».

ESPECTACULOS NO PÔRTO

SA' DA BANDEIRA—«Viva o Porto!».

CINEMAS

COLISEU DO PORTO—«José do Telhado».
S. JOÃO CINE—«O ditador».
RIVOLI—«O amor triunfa».
AGUIA DE OURO—«Educação para a morte».
TRINDADE E OLIMPIA—«As chaves do reino».
JULIO DINIZ—«O lago dos sonhos».
ODEON—A's 21 e 30—«Paraiso musical».

OURO, PRATA, JOIAS E RELOGIOS
Pulseiras de ouro e jóias modernas a preços sem competência
Ourivesaria Santos Catita, Limitada
RUA EUGENIO DOS SANTOS, 44

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 2.ª pag.)

o ser. A êsses, juntar-se-iam outros, trabalhados, escolhidos e ensaiados, como se faz aos jogadores da bola *que mostram qualidades. Merecerá a pena o Estado tomar conta da direcção disto? Eu parece-me que sim. Já que não podemos ter «a bomba atómica», ao menos façamos a deligência para ter uma literatura. Com o meu irredutivel fundo de optimismo, estou convencido de que se me saisse a sorte grande e me metesse a explorador teatral, deixando-me escolher o reportório e o elenco, não perdia dinheiro. Claro que a condição essencial seria a de ter um teatro cuja lotação me permitisse preços de concorrência com o Cinema. E de passagem sempre aviso as* estrelas *e os* estrelos *nacionais de* cinema *com legitimas aspirações que a* tela *portuguesa não lhes dará nunca a glória porque aspiram e o dinheiro mesmo há-de acabar por se estancar. Só lhes resta Holywood—e então já me calo. Fora disso os que tiverem talento e forem capazes de representar fora dos* estudios *e diante do publico, fariam bem se pensassem em fazer teatro. A's mulheres julgo que não fará mal nenhum serem bonitas. Sempre ajuda. A Duse e a Sarah Bernhardt é certo que eram feias—mas essas eram, como o outro que diz, um* caso á ilharga. *As pessoas a quem o Estado encarregasse de resolver o problema do Teatro—eu sou advogado e não quero ser outra coisa, e de resto nunca poderia estar em causa—deveriam ser escritores de Teatro que não fôssem fracassados e actores de mérito que não fôssem empresários. Poderia e deveria juntar-se-lhe um critico dos jornais que não fôsse primo do Pirandello ou cunhado do Ibsen e que tivesse aquela qualidade que é a mais repartida entre os homens, bom-senso ou senso comum. Talvez mereça a pena tentar.*

Eu não sei, na verdade não sei, qual será o futuro da literatura. O mundo está mudando. O naturalismo em teatro é possivel que tenha feito a sua época, os problemas, o clima social e natural que sejam bem diferentes, dentro de poucos anos. O Renan no «l'Avenir de la Science» profetisa o desaparecimento da ficção literária. O individuo, objecto das subtis análises psicológicas e dos conflitos sentimentais, está passando a um segundo plano. Mas de que eu tenho a certeza é que as multidões nunca se interessarão pelo Teatro de simbolos ou de simples esplendor verbal. Se está em gestação uma nova Arte, por isso mesmo são precisos homens inteligentes e de bom-senso a dirigir essa mutação. E, daqui até lá, há tempo suficiente para que, em matéria de Teatro haja «alguma coisa» onde, o pouco que há, está na agonia. E' util e justo que se não deixe morrer uma coisa tão bela como o Teatro e que em Portugal, ainda há bem pouco tempo era, pelo menos, uma actividade decente, que interessava o publico e que não envergonhava—bem ao contrário—a literatura nacional.—R. C.

SÁ DA BANDEIRA
TEL. 2595—Ás 21 e 30
A 81.ª récita da triunfante revista
«VIVA O PORTO!»
com Laura Alves, Soares Correia, Maria Clara, Elisa Carreira, Dina Teresa, Carlos Alves e Joaquim Prata.

COLISEU DO PORTO TEL. 5196
4.ª e última semana do filme português de empolgante acção romântica
JOSE' DO TELHADO

S. João Telef. 2458
A's 21 e 30
A obra-prima de CHARLOT
O DITADOR

Aguia d'Ouro
O sensacional filme
Educação para a morte

Rivoli Tel. 2788
A's 21 e 30
O lindo filme tecnicolor
O AMOR TRIUNFA
com Deanna Durbin

TRINDADE Tel. 4412
OLIMPIA Tel. 533
A's 21 e 30
A super-produção
As Chaves do Reino
com Gregory Peck

JULIO DINIZ Telefone 9559
A's 21 e 30
O lindo filme colorido
O LAGO DOS SONHOS
com Kristina Soderbaum

ODEON Telefone 4850
A's 21 e 30
Paraiso Musical e O Bando do Cavalo Branco

Foi enforcado em Londres o locutor inglês da rádio alemã «Lord Haw Haw»

LONDRES, 3—William Joyce, «Lord Haw-Haw», da rádio alemã, pagou hoje o seu crime de traição. Foi executado na prisão de Wandsworth, de Londres, esta manhã, sete meses e seis dias depois de ser preso próximo da fronteira dinamarquesa.

Joyce, que tinha 39 ânos, era cidadão americano, como ficou estabelecido no seu julgamento. O seu apelo alegando que não devia fidelidade ao rei Jorge VI, quando se encontrava fora dos territórios britanicos—Joyce obtivera passaporte britanico para seguir para a Alemanha em 1939—foi rejeitado. As suas emissões pela rádio alemã durante a guerra, tornaram-no um dos homens mais odiados na Grã-Bretanha. Manteve perfeita compostura durante o julgamento e, depois, na sua cela de condenado, na prisão de Wandsworth, jogava o xadrez com os funcionários da prisão. A mulher de Joyce também prisioneira na cadeia de Holloway, visitou o marido quase todos os dias desde que o seu apelo foi rejeitado.

Antes da execução juntou-se povo, apesar do frio intenso, junto da porta principal da prisão. A policia tomou medidas especiais para a hipótese duma possivel manifestação de simpatia á ultima hora. A's 9 horas e 7 minutos, um guarda da prisão colocou um aviso á porta, anunciando que a sentença fora executada.—(R.).

35 nações assinaram o acordo de Bretton Woods

WASHINGTON, 3.—O Ministério dos Negócios Estrangeiros norte-americano anunciou que 35 nações assinaram como membros fundadores o acordo de Bretton Woods. Essa assinatura tinha de ser feita até 31 de Dezembro de 1945. A Russia é a unica grande potência que não assinou ainda o acordo. Será admitida a assinar quando assim o deseje.—(R.).

Com uma das mãos esfaceladas por uma bomba de dinamite

ARMAMAR, 2.—Na ultima noite do ano passado, Manuel Silva, mineiro, de Lousa, para comemorar o acontecimento, deu á sua filha Carminda, de 12 anos, uma bomba de dinamite, com o respectivo rastilho. A pequena lançou fôgo a este; mas, antes de poder atirar fora a bomba, esta rebentou, esfacelando-lhe a mão direita que teve de lhe ser amputada, no hospital, pelos srs. drs. Calejo e Silva Pereira.

A infeliz já tinha a mão esquerda e os dedos dum pé roídos por um porco.

VÊM A CAMINHO os dois deputados eleitos por Angola

LUANDA, 2—No paquete «Mouzinho» seguiram para Lisboa os srs. drs. Bagorro Sequeira e Fausto Frazão, deputados por Angola á Assembleia Nacional; coronel Silva Nascimento, Artur Silva Pires, comerciante; José Galrito Paz, técnico radiologista; capitão Rodrigues Pardal e Humberto Baptista, Artur Caetano da Silva e Manuel Joaquim Ramiro, comerciantes.—(Lusitania).

Atropelamento mortal de um desportiista em Luanda

LUANDA, 2—Um automóvel desconhecido atropelou o desportista José Dias Prado, natural desta cidade, empregado da Livraria Lello e antigo campeão do lançamento de dardo. Faleceu a caminho do hospital, procurando a Policia descorir a identidade do motorista. O extinto é irmão do sr. Adriano Prado, residente no Porto.—(Lusitania).

MISSÕES RELIGIOSAS

MURTOSA, 3.—O rev. João de Marchi realizou no teatro desta vila, completamente cheio, uma interessante conferencia sobre as missões, acompanhada por projecções a côres.

A guarda do caminho para o Canal de Suez deve permanecer em mãos britânicas

(escreve Garvin, em Londres)

LONDRES 3—O publicista britanico J. L. Garvin, passando em revista, no «Daily Telegraph» de hoje, a posição em que se encontra o mundo no ano de 1946, diz que as regiões do Próximo e do Médio Oriente «rebentarão em chamas, em meia duzia de lugares, sem a boa vontade e o trabalho dos principais aliados e sem restringir as influências da Liga da Paz.

Os compromissos dos Balcans, a que se chegou na Conferência de Moscovo, tanto na Romenia como na Bulgária, significam um consentimento para divergir e não uma pretensão para concordar. Mas não há qualquer espécie de acordo sobre os assuntos mais cruciais—preservação da verdadeira integridade territorial da Turquia e da Persia. Hoje, no sentido geográfico e diplomatico, esses dois países são inseparáveis e a acção conjunta deles refere-se a tudo o que se passa desde os Dardanelos até ao Golfo Pérsico. As soluções a encontrar exigem muita paciencia, mas podem ser encontradas».

Garvin diz ainda que há outros locais e outras soluções que causam preocupações e que dizem respeito não só às comunicações da comunidade e do império britanico, mas mesmo à sua manutenção durante o ano de 1946. Dois desses assuntos pertencem a espécies muito diversas pela sua magnitude e urgencia, mas ambos são essenciais. Num tom que não admite réplica, o Egipto exige a revisão fundamental do seu tratado de relações com a Grã-Bretanha. Os seus pedidos são grandes mas podem ser satisfeitos em assuntos de soberania meramente interna. Mas o futuro do Sudão só pode ser resolvido pelo povo sudanês, que se deseja governar a si mesmo. A guarda do caminho do Canal de Suez para Aden deve permanecer nas mãos britanicas.—(R.).

A estrutura política do Japão será reformada segundo as resoluções tomadas em Moscovo

WASHINGTON, 3—Uma reorganização radical e liberal da Constituição japonesa que, pelo acordo de Moscovo, será levada a efeito pelas 11 nações da Commissão do Extremo Oriente, é prevista pelo general Douglas MacArthur, comandante-chefe aliado, no relatório sobre a administração durante os primeiros dois meses de ocupação, relatório que o Departamento da Guerra americano deu a conhecer ontem á noite.

O general MacArthur diz: «As reformas encaradas são tão fundamentais no caracter que não podem ser efectuadas por legislação estatutária apenas, mas que necessitam de ser incluidas na Constituição a-fim de garantir a sua permanencia».

Tratando dos processos de democratização, o general MacArthur diz: «Há provas de que foi pelos muitos anos de limitação das suas formas democráticas e da dignidade individual que no Japão se chegou ao estado presente. Actualmente, há mais de 20 partidos politicos e quasi politicos, mas no geral podem abranger-se em 4 principais grupos: a extrema direita, conservadores, socialistas e comunistas».

O relatório diz ainda: «Os chefes trabalhistas concordaram em juntar as suas fôrças numa só Federação do Trabalho que está a ser criada. No campo politico os chefes trabalhistas encontram-se entre os que apoiam o novo Partido Social-Democrata».—R.

Explosão de mina deixada pelos japoneses

HONG-KONG, 3.—O pessoal da R. A. F. e dos «Comandos» da região de Kowloon estão a auxiliar os trabalhos de salvamento das vitimas da explosão de uma mina de cordite colocada pelos japoneses e que explodiu, tendo demolido várias casas e soterrado, vivos, quatro chineses. E' desconhecida a causa da explosão.—(R.).

ARMAÇÕES
MANUEL GUEDES
Trav. do Noronha 32 (a S. Mamede)
Tel. 6 0676

IMPERIUM SALÃO CHÁ
LANCHES·BANQUETES·ALMOÇOS·JANTARES
Rua S. Justa 105 - T. 27527

Duas mil persas têm procurado refugio na Turquia

IZTAMBUL 3.—A «United Press» foi informada, em fonte autorizada, de que cêrca de 2.000 refugiados da província de Azerbeijan procuraram abrigo na Turquia desde que começou a revolta no norte do Irão.

Sabe-se que a Turquia não deseja que os refugiados em questão permaneçam no seu território e, com êsse objectivo, foram já iniciadas conversações em Ankara entre o governo turco e a embaixada do Irão.

O ministro do Interior turco, Kilmi Uran, durante uma recente visita que fez ao Leste da Anatólia procedeu a investigações ácerca das condições dos refugiádos persas.—(U. P.).

O litígio russo-persa e a Conferência de Londres

WASHINGTON, 3.—O informador oficial do Departamento de Estado desmentiu as notícias postas a circular em Londres, segundo as quais os Estados Unidos estavam a enviar todos os esforços no sentido de evitar que a disputa entre a Russia e o Irão se tornasse o assunto mais palpitante dos trabalhos da primeira reunião da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, que começa no dia 10 do corrente, na capital britanica.—U. P.

UM TRANSPORTE COM TROPAS a contas com o temporal

NOVA YORK, 3.—Um barco tipo «Liberdade», de nome «John Hoop», com 575 soldados americanos que regressavam desta cidade, foi apanhado por violenta tempestade e açoitado por enormes vagalhões, encontrando-se sem helice a 270 milhas a sudoeste dos Açores.

O Ministerio da Marinha anunciou que o barco não está em perigo.

A helice do barco foi arrebatada pelas ondas na segunda-feira á noite, quando uma grande onda impulsionou o barco de tal modo que ficou com parte da pôpa completamente levantada e fora de agua.—(U. P.).

Os franceses instituiram um governo de alemães na sua zona de ocupação

COBLENÇA, 3.—Um govêrno civil alemão ficou ontem instalado na provincia há pouco constituida da Renania Hesse-Nassau, da zona ocupada pelos franceses, que tem uma população de 1.600.000 habitantes.

Na cerimonia, que se realizou na cidade de Coblença, 80 por cento em ruínas, o governador geral da provincia, Boislambert, disse:

—Ao criar a administração da provincia, a França expressa o desejo de restabelecer a vida espiritual e politica, num sentido livremente democratico, dentro da zona que ela ocupa. A França continuará em Hesse-Nassau.

O novo governo local alemão é chefiado pelo dr. Wilhelm Boden, de 55 anos, catolico, que foi membro da Dieta prussiana e esteve preso durante 8 meses pelos nazis em 1938. Durante a guerra trabalhou como acessor dos estragos aéreos. O seu «ministério» é composto de 4 cristãos-dmocratas, 1 socialista, 1 comunista e 1 independente.

A partir de hoje, esses três partidos politicos alemães ficam com completa liberdade de acção. A principal tarefa do novo governo será executar, sob a fiscalização francesa, a depuração completa de todos os elementos nazis na provincia. Um funcionario superior francês disse que a politica francesa tendia a estabelecer um laço entre o sistema economico dessa provincia e o sistema francês.—(R.).

Vai fazer-se o levantamento do mapa da Lua?

LONDRES, 3.—O levantamento do mapa da Lua por meio do radar foi previsto por sir Edward Appleton, cientista britanico e secretario do Departamento de Pesquisas Cientificas e Industriais, ao falar ontem á noite na Sociedade de Fisica.

Sir Edward Appleton disse que os cálculos tinham mostrado que, usando poderosos transmissores de radar de ondas muito curtas, devia ser possivel conseguir que voltassem os ecos da rádio da Lua e estudar assim as irregularidades da sua superficie.

Outros feitos de pura ciencia que o radar poderá tornar possiveis são a radio-localização e os balões meteorologicos. Espera sir Edward que seja possivel estudar as emissões das ondas de radio, vindas das regiões das manchas solares á face do sol. Isto seria de interesse especial durante os proximos anos em que a actividade das manchas solares estará no seu maximo.—(R.).

A Rússia e a Turquia

(Continuação da 1.ª pag.)

porque, emquanto se mantiver a intranquilidade na fronteira oriental da Turquia qualquer incidente pode trazer graves complicações, envolvendo este país. Os esforços para enfaquecer a situação interna da Turquia têm sido baldados e a unidade nacional do povo turco nunca foi tão forte como actualmente. A Turquia não é um país antigo beligerante nem sob a ocupação estrangeira e, assim, a unica forma de o fazer curvar-se sá exigencias do estrangeiro será ataca-la. E, neste caso, a nação turca lutará pela sua independencia».—(R.).

BALCÕES
MANUEL GUEDES
Trav. do Noronha 32 (a S. Mamede)
Tel. 6 0676